



CÂMARA DE ATIVIDADES AGROSSILVIPASTORIS
Ata da 22ª reunião, realizada em 25 de outubro de 2018

1 Em 25 de outubro de 2018, reuniu-se ordinariamente a Câmara de Atividades
2 Agrossilvipastoris (CAP), na sede da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e
3 Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), em Belo Horizonte. Participaram os
4 seguintes conselheiros titulares e suplentes: o presidente Henri Dubois Collet,
5 representante da SEMAD. Representantes do poder público: Marcos Eugênio
6 Sampaio Rodrigues, da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e
7 Abastecimento (Seapa); Luis Gustavo D'Ávila Riani, da Secretaria de Estado de
8 Governo (Segov); Fernando Antônio de Souza Costa, da Superintendência
9 Federal de Agricultura em Minas Gerais (SFA/MG) / Ministério da Agricultura,
10 Pecuária e Abastecimento (MAPA); Enio Resende de Souza, da Empresa de
11 Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater).
12 Representantes da sociedade civil: Taiana Guimarães Arriel, da Associação
13 Mineira de Silvicultura (AMS); Guilherme da Silva Oliveira, da Federação da
14 Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg); Leandro Soares
15 Moreira, da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas
16 Gerais (Fetaemg); José Hermano Oliveira Franco, do Movimento Verde de
17 Paracatu (Mover); Lucas Amaral de Melo, da Universidade Federal de Lavras
18 (Ufla); Emílio Elias Mouchrek Filho, do Conselho Regional de Engenharia e
19 Agronomia de Minas Gerais (Crea-MG). **Assuntos em pauta. 1) EXECUÇÃO**
20 **DO HINO NACIONAL BRASILEIRO.** Executado o Hino Nacional Brasileiro. **2)**
21 **ABERTURA.** O presidente Henri Dubois Collet declarou aberta a 22ª reunião da
22 Câmara de Atividades Agrossilvipastoris. **3) COMUNICADOS DOS**
23 **CONSELHEIROS E ASSUNTOS GERAIS.** Não houve manifestações. **4)**
24 **EXAME DA ATA DA 21ª REUNIÃO.** Aprovada por unanimidade a ata da 21ª
25 reunião da Câmara de Atividades Agrossilvipastoris, realizada em 27 de
26 setembro de 2018, com a seguinte correção: – Na linha 58, onde está escrito
27 GGA, lê-se GCA. Votos favoráveis: Emater, Segov, MAPA, Crea, Fetaemg;
28 Faemg, AMS e Seapa. Ausências: Fetaemg, Ufla e Seda. Abstenção: Mover.
29 Ausências: Seda, Ibama e Ufla. **5) SITUAÇÃO ATUAL DO PROGRAMA DE**
30 **REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL (PRA).** **Apresentação: Diretoria de**
31 **Conservação e Recuperação de Ecossistemas (DCRE/IEF).** Fernanda
32 Teixeira Silva/IEF fez apresentação da situação atual do Programa de
33 Regularização Ambiental (PRA). O conteúdo da exposição foi disponibilizado no
34 site da SEMAD. **Debates.** **Conselheiro Enio Resende de Souza:** “Eu queria
35 aproveitar a oportunidade e dizer que, como um dos representantes da Emater,
36 eu participei da maioria dessas reuniões que foram feitas do PRA, e de fato elas
37 foram muito participativas. A empresa que foi contratada tem muita experiência,

38 é um pessoal muito sério, muito competente. Com relação às reuniões, os
39 procedimentos que vocês estão fazendo, eu acho que está excelente e dou os
40 parabéns para vocês. Mas eu queria aproveitar a oportunidade para fazer uma
41 solicitação. Eu sou um defensor ardoroso desta Câmara, acho que aqui estão
42 as instituições que militam, de fato, nessa área agropecuária do nosso Estado,
43 são pessoas que têm um passado legítimo na área ambiental, na área
44 agrônômica. Então, eu queria propor que, assim que a minuta estivesse pronta,
45 e antes de uma decisão final do Estado de encaminhar esse decreto, fosse
46 aberta uma reunião extraordinária da CAP, haja vista que muitos aqui participam
47 dessas reuniões ou participaram – o meu caso, e lembro aqui do Guilherme –,
48 mas não são todos que participaram. Então, eu acho que a CAP e nós temos a
49 obrigação mesmo. A despeito dessa participação que estamos tendo
50 oportunidade de ter nessas reuniões, eu acho que a CAP deveria ter uma
51 reunião extraordinária para ficarmos aqui uma manhã, quem sabe, ou uma
52 tarde, e vocês apresentarem para nós todo o rol das propostas, para que
53 conhecêssemos e pudéssemos opinar também. Eu acho que seria muito bem-
54 vindo.” Conselheiro Emílio Elias Mouchrek Filho: “Eu gostaria de saber como
55 está sendo considerada a implantação do PRA, levando em conta inúmeros
56 sombreamentos existentes, inúmeras dificuldades existentes do Cadastro
57 Ambiental Rural, considerando que ele é a base para a implantação do PRA. Eu
58 gostaria de saber como está sendo resolvido isso, que é um anseio que
59 ouvimos no Estado inteiro.” Fernanda Teixeira Silva/IEF: “Esse é um dilema
60 muito grande mesmo. Nós estamos ainda validando como vai ser essa questão.
61 A princípio, nós pensamos que, como temos um número gigantesco de
62 cadastros – mais de 700 mil imóveis –, nós vamos ter primeiro que construir
63 uma prioridade para fazer a análise desses cadastros, porque não vamos
64 conseguir fazer análise do cadastro dos 700 mil imóveis. Então, temos pensado
65 em algumas soluções que ainda não foram definidas, por isso não posso afirmar
66 com certeza qual vai ser a linha que vamos seguir. Mas algumas prioridades
67 têm sido pensadas, como analisar o CAR daqueles imóveis cujos proprietários
68 solicitem alguma intervenção ou demandem algum serviço dentro das
69 instituições. Então, se fariam análise de todos esses que descem entrada
70 solicitando algum serviço de intervenção, licenciamento, seja o que for, dentro
71 da instituição. Eles seriam analisados, e aí, sim, partiria para o PRA, para dar
72 início ao Programa de Regularização Ambiental. Outra linha que estamos
73 pensando é a questão das parcerias, credenciar instituições para que auxiliem
74 nessa análise do CAR, para que posteriormente a essa análise, onde seriam
75 identificadas sobreposições, algum erro no cadastramento, posteriormente a
76 essa análise e à regularização desse cadastro, a pessoa partiria para o PRA
77 também. Por outro lado, nós vimos alguns Estados, como o exemplo da Bahia,
78 onde adotaram um procedimento praticamente único. Antes mesmo de
79 realizarem uma análise no cadastro para que aqueles imóveis não fiquem
80 aguardando 30 anos, 20 anos – porque há uma demanda gigantesca de análise

81 –, eles já poderiam partir para apresentar um projeto para recuperação das
82 áreas e já dariam o início mesmo antes de as análises dos cadastros serem
83 concluídas. É uma linha também que estamos pensando porque realmente vai
84 ser impossível conseguir a médio prazo analisar todos os cadastros. Então, nós
85 pensamos também que seria uma possibilidade adotar um critério como o da
86 Bahia e já permitir a apresentação desses projetos e o início. E quando a
87 instituição fizer o monitoramento, que possivelmente seria amostral, de todos
88 esses imóveis, nessa fase de monitoramento seria identificado se está se
89 atingindo o objetivo de recuperação da área, independente da metodologia que
90 foi utilizada para recuperação ou não. E caso não esteja sendo atingido esse
91 objetivo, seria uma responsabilidade mesmo do produtor, do proprietário ou
92 posseiro do imóvel e também daquele técnico que fez aquele projeto de fazer
93 essa correção ou uma complementação, caso tenha faltado área. Mas, como eu
94 disse, são algumas possibilidades que temos pensado, mas que ainda não
95 definimos completamente, porque estamos justamente nessa fase de pensar
96 qual o procedimento que vai ser adotado.” Conselheiro Guilherme da Silva
97 Oliveira: “Eu gostaria de parabenizar o IEF pela forma que está sendo feito o
98 programa e concordo plenamente com o que o Enio falou aqui. Eu queria fazer
99 esta fala mais para deixar o Sistema Faemg à disposição. Como já foi dito pela
100 Fernanda, já fizemos uma reunião nesta semana. Através do cenário, eu acho
101 que podemos contribuir muito com a capacitação de técnicos no programa.
102 Lembrar também que já foi dito durante as reuniões do PRA sobre o Projeto
103 Biomas, que a CNA vem fazendo junto com a Embrapa e tem uma série de
104 parceiros, inclusive os que estão participando da construção do PRA aqui em
105 Minas. O Projeto Biomas tem uma série de pesquisas feitas pela Embrapa, uma
106 propriedade modelo em cada bioma, que mostra formas e espécies que se
107 adaptaram bem para esse tipo de recuperação. Lembrando que não só
108 recuperação, mas que podem ser inseridos SAFs. Espécies com capacidade
109 produtiva de geração econômica para o proprietário rural que ajudam nesse
110 processo, principalmente para o pequeno proprietário rural. E grande parte
111 desse Projeto Bioma também tem sido compartilhada com a plataforma Web
112 Ambiente, uma outra plataforma que também foi apresentada no PRA. Nós
113 queremos mostrar que o Sistema, a CNA, as federações já vêm participando
114 disso. Desde que o Código Florestal foi aprovado, nós já estamos gerando
115 conhecimento nesse sentido e continuamos à disposição para auxiliar na
116 capacitação e na implementação também. Porque o Senar agora vem com a
117 nova proposta, além dos cursos de capacitação, para também entrar forte na
118 assistência técnica e gerencial. E a importância da assistência técnica e
119 gerencial é a assistência técnica continuada, que faz todo o gerenciamento da
120 propriedade. Então, todo mês, o técnico faz um acompanhamento. Isso seria
121 interessante também. E no Inaes, que é o nosso instituto dentro do Sistema
122 Faemg, nós fizemos uma plataforma baseada no ISA, e tem aqueles dados que
123 o ISA traz de sustentabilidade. Então, talvez seja uma plataforma também que

124 possa ser utilizada nos programas para recuperação do PRA, uma avaliação da
125 questão de reserva legal. Eu queria deixar o Sistema Faemg à disposição para
126 essa parceria, como já foi dito na reunião, nesta semana.” Presidente Henri
127 Dubois Collet: “Realmente, a nossa proposta é construir com todos. Nós temos
128 que estarmos juntos mesmo porque realmente aí é que vêm essas
129 oportunidades para acharmos o caminho. É um caminho que está sendo
130 construído e que queremos que tenha sucesso em função, principalmente,
131 desse número, que até continua aumentando, porque eu acho que todo dia tem
132 mais alguém se cadastrando no CAR. Então, esse número ainda vai aumentar.
133 E aquelas grandes propriedades também que estão sendo divididas também
134 vão fazer parte desse número. Então, realmente, é muito importante essa nossa
135 parceria, e podem contar conosco, porque realmente é o caminho e estamos no
136 caminho de parceria mesmo.” Conselheiro Fernando Antônio de Souza Costa:
137 “Eu também gostaria de parabenizar pelo encaminhamento desse processo do
138 PRA, mas gostaria de aproveitar aqui, reforçando a fala do Guilherme, de o
139 decreto deixar claro o incentivo para implantação de sistemas agroflorestais. Eu
140 acho isso importantíssimo porque é isso que vai gerar renda para manter essas
141 áreas em condições razoáveis de preservação ambiental. Eu acho que um
142 ponto importantíssimo no momento são os sistemas agroflorestais nessas
143 propriedades, principalmente dos pequenos produtores. Você falou que ia deixar
144 uma coisa no geral, e eu acho que deixa no geral, mas deixa esse incentivo
145 nessa linha porque ela vem junto com o Plano de Agricultura de Baixa Emissão
146 de Carbono, que incentiva as tecnologias dos sistemas agroflorestais e nos
147 coloca dentro do contexto dos objetivos do Acordo de Paris, do qual nós somos
148 signatários até então e devemos incentivar, porque é um ganho coletivo. Eu
149 gostaria só dessa atenção sua nessa hora em que for escrever sobre os
150 sistemas agroflorestais.” Fernanda Teixeira Silva/IEF: “Como eu falei, nós temos
151 dado uma atenção especial para essa questão da implantação de SAFs. É uma
152 mudança de paradigmas dentro de uma instituição ambiental trabalhar com
153 essa questão produtiva, mas nós temos conseguido fazer isso nesses últimos
154 anos. As próprias diretrizes de restauração ecológica têm mudado no mundo
155 inteiro. Em vez de se ter aquele conceito de restauração de voltar ao que a área
156 era anteriormente, o que é impossível praticamente de se fazer, tem-se buscado
157 muito mais a questão de manutenção de processos, a função ecológica da área.
158 Nós temos focado muito isso e temos entendido dentro da diretoria, no Grupo
159 de Trabalho junto com a Seda e várias outras instituições, e focado essa
160 questão da restauração pensando nessa manutenção de função e processos
161 ecológicos e pensado muito nessa questão também de a restauração trazer
162 essa alternativa de renda mesmo, que é uma forma de estimular que essa
163 restauração seja feita. Então, nós temos focado bastante essa questão, e eu
164 vou levar essa sugestão para incluir na minuta.” Conselheiro José Hermano
165 Oliveira Franco: “Na verdade, eu concordo 100%, eu acredito que os SAFs têm
166 que ser incluídos. Ou pagamos por serviços ambientais para todo mundo

167 preservar ou temos que dar alternativa. E a alternativa que eu vejo também são
168 os SAFs. Na maioria dos casos nós já perdemos. Só o seu número da APP, de
169 48,2, que é o que foi declarado, que ainda está lá. Eu, como biólogo, falar em
170 biodiversidade, eu gostaria, mas não é a realidade. O que eu penso é uma
171 coisa, mas a realidade é outra. Então, eu acredito que tenhamos que começar
172 esses processos oferecendo alguma coisa, e os SAFs, realmente, para além do
173 Acordo de Paris, mas realmente eu acho que na prática ele é a solução dessa
174 questão, porque vamos conseguir convergir o interesse de manutenção de
175 processos necessários, ecológicos etc., minimizando conflito com quem está
176 produzindo, principalmente os pequenos.” **6) AVALIAÇÃO DE**
177 **OPORTUNIDADES DE RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA NO CORREDOR**
178 **ECOLÓGICO SOSSEGO CARATINGA E APA ALTO MUCURI. Apresentação:**
179 **Diretoria de Conservação e Recuperação de Ecossistemas (DCRE/IEF).**
180 Fernanda Teixeira Silva/IEF fez apresentação da avaliação de oportunidades de
181 restauração ecológica no Corredor Ecológico Sossego Caratinga e APA Alto
182 Mucuri. O conteúdo da exposição foi disponibilizado no site da SEMAD.
183 **Debates.** Conselheiro Fernando Antônio de Souza Costa: “O Plano de
184 Agricultura de Baixa Emissão de Carbono em Minas Gerais tem um grupo
185 gestor que se reúne uma vez por mês, e já tem sete anos que esse grupo
186 trabalha em cima da implantação desse Plano ABC em Minas Gerais, e uma
187 das tecnologias do Plano ABC é a recuperação de pastagens degradadas. Em
188 2014, o Ministério da Agricultura contratou o Inaes, que é vinculado à Faemg,
189 para fazer um estudo. Então, ficou o ‘Estado da arte das pastagens em Minas
190 Gerais’, um estudo muito bacana. Eu acho que seria interessante. Eu não sei se
191 esse Grupo de Trabalho de vocês teve acesso a esse estudo. Se não tiver, eu
192 gostaria de encaminhar porque é um ponto de partida do trabalho do grupo
193 gestor. O estudo ficou bem elaborado sob o aspecto não só de identificar as
194 pastagens, mas também de como poderia trabalhar a recuperação dessas
195 áreas. Está sendo bem vinculado que esses corredores com essas
196 recuperações, isso vai ajudar no trabalho de recuperação na sustentabilidade
197 desses produtores dessas duas regiões. Se tiverem interesse, podemos
198 encaminhar para vocês esse estudo.” Conselheiro Emílio Elias Mouchrek Filho:
199 “Eu queria reforçar o que o conselheiro Fernando falou, dizendo que eu já fiz
200 uso desse projeto em um chamamento público apresentado para o Conselho
201 Federal, de recuperação de pastagens, inclusive de taludes de estradas e
202 muitos outros aspectos, mas focado especialmente na recuperação de
203 pastagens, em que o estudo apresentado é muito bom e mostra aspectos de
204 ordem prática de como identificar imediatamente o estado de uma pastagem, o
205 estado erosivo dessa pastagem e aonde que afeta, que vai chegar lá no fundo
206 dos rios. Tem todo um aspecto assim que realmente seria interessante que
207 fosse adotado. E parabenizar tanto o conselheiro Fernando quanto o
208 Inaes/Faemg por esse trabalho. Lá no Crea ou mesmo na Sociedade Mineira
209 dos Engenheiros Agrônomos, nós pretendemos dar continuidade a esse

210 trabalho enfocando diversas áreas, especialmente no Norte de Minas, onde o
211 assunto é mais drástico.” Conselheiro Lucas Amaral de Melo: “Parabenizar pela
212 apresentação e trazer um questionamento sobre restauração e o que temos
213 visto. De certa forma, eu acredito que falte um pouco mais de empenho de
214 todos nós com uma questão supercrítica, que é a questão de incêndios.
215 Inclusive, o estudo trouxe como um dos patamares a questão de probabilidade
216 de incêndio, acabou filtrando, e ele ficando em segundo plano. Mas o que temos
217 visto, primeiro, é que não temos um ambiente ótimo como deveria ser
218 naturalmente. Já partimos desse ponto. Então, nós temos remanescentes, e um
219 dos maiores agentes degradadores de remanescentes no Estado de Minas
220 Gerais que eu vejo hoje são os incêndios. E nós temos uma cultura muito séria
221 de que a ocorrência de um incêndio é meramente um acidente, é visto como um
222 acidente. O fogo alastrou, virou um incêndio, de quem é a culpa? ‘Foi um
223 acidente.’ E acabamos perdendo o controle sobre isso, sem responsabilidade,
224 muitas das vezes. Por ser um ‘acidente’, acaba ficando nessa de quem é a
225 responsabilidade e há também a dificuldade de saber o início do incêndio e o
226 porquê do início do fogo, para dar responsabilidade a quem precisa ter
227 responsabilidade sobre o incêndio. Até nos projetos de restauração. Um dos
228 maiores problemas dos projetos de restauração são as plantas invasoras, na
229 maioria, no nosso Estado, a braquiária, que produz uma quantidade de matéria
230 seca enorme. A braquiária vedada em um plano de restauração, vai estar
231 cercada, e uma matéria seca maior ainda. Época de seca, matéria seca,
232 incêndios, e estamos fadados, por exemplo, ao início de uma restauração muito
233 bem planejada. Um incêndio que acontecer nos cinco primeiros anos, por
234 exemplo, leva ao início ou até pior do que era antigamente. Então, só para
235 ressaltar a questão da importância estadual de pensarmos em um plano de
236 controle de incêndios, de responsabilidade pelos incêndios, porque é um agente
237 degradador que, muitas vezes, simplesmente consideramos como um acidente
238 que ocorre. Mas é um acidente que, mesmo em um remanescente, causa um
239 distúrbio gigantesco quando entra dentro desse remanescente. Então, só deixar
240 esse adendo porque eu vejo como uma coisa de segundo plano em quaisquer
241 pensamentos de restauração.” Conselheiro Guilherme da Silva Oliveira: “Eu ia
242 falar o que o Fernando e o Emílio falaram, o livro ‘Estado da arte das pastagens’
243 está disponível no site do Sistema Faeng. E tem um outro estudo também, que
244 é o da cafeicultura de montanha. Região de Caratinga. É interessante. Uma
245 outra questão, principalmente quando falamos em área degradada, falamos
246 muito em restauração, e estamos falando de propriedade rural com produtor
247 rural. Muitas vezes, temos que pensar em um ponto para dar sustentação a
248 essa restauração. E muitas vezes batemos muito nisso: assistência técnica
249 continuada. Não adianta você falar com o cara, se ele está com a pastagem
250 restaurada, 99% das vezes, é porque ele não tem conhecimento para manter
251 aquela pastagem em um bom estado. Então, nós temos que levar esse
252 conhecimento para ele recuperar. Qualquer cultura. Eu estou falando em

253 pastagem porque na região do Mucuri, o problema da pastagem. Na região de
254 Caratinga, vai ser o café. Qualquer cultura em que trabalhamos manejo e
255 conservação do solo, as boas práticas agrícolas em geral, manejo integrado de
256 praga em doença, o que vai diminuir o uso de agrotóxico, integração lavoura,
257 pecuária, floresta; consórcio; o próprio programa ABC, as integrações de
258 silviagrícola, silvipastoril. Então, são práticas que ajudam muito o produtor rural
259 a ter essa maior conscientização da restauração florestal. Os corredores são
260 importantes, mas o produtor rural já tem que deixar 20% da área dele, mais
261 APP. Então, temos que priorizar essas áreas que ele já tem obrigação legal de
262 fazer de conectividade com os corredores. Onde você entra com um programa
263 de restauração, eu acho que não deveria ser só restauração, deveria ser um
264 programa com assistência técnica na área que ele usa. Porque ficamos muito
265 focados na restauração e esquecemos da área em que ele tem que ganhar
266 dinheiro. E aí entra o que o professor Lucas falou. O que ele sabe de
267 pastagem? 'Chegou setembro, outubro, eu meto fogo'. E isso está só
268 degradando. Então, tem que ajudar esse produtor na recuperação dessa
269 pastagem. Talvez um sistema silvipastoril ajude. Por que não estudar uma
270 espécie nativa frutífera que vai ajudar a flora, a fauna para recompor esse
271 sistema, que o macaco lá consome? Vamos tentar um sistema pastoril com a
272 espécie que é de alimentação. Mas temos que começar a estudar isso. A
273 Epamig está aí, o IEF, então, temos que começar a pensar essas formas de
274 sustentabilidade, de a agricultura ajudar o meio ambiente, e ou meio ambiente
275 ajudar a agricultura. É importante, nós sabemos disso, mas eu quero jogar essa
276 ideia aqui. A Emater está aqui, o Senar também, buscar essas parcerias, talvez
277 inserir esse pessoal que está nessas áreas prioritárias, participar de programas.
278 A Faemg já tem programas de leite, de café, e estamos pensando em fazer
279 outros programas com essa assistência técnica. Então, casar isso tudo em um
280 programa só. Tem o ABC. Então, são formas de estudar isso. Por que não um
281 sistema silvipastoril, agroflorestal, com espécie nativa? O ABC pode começar a
282 pensar isso, que são espécies que vão alimentar a flora e facilitam nessa
283 disseminação e propagação de sementes, recuperação de área, conectividade.
284 São formas que temos que começar a pensar. Mas foi muito boa a
285 apresentação, foi muito bom o trabalho, e é isso mesmo que temos que
286 começar a fazer, priorizar as áreas e começar a trabalhar em cima." Conselheiro
287 Emílio Elias Mouchrek Filho: "É comum encontrar especialistas, colegas, em
288 bovinocultura, mas não é comum encontrar colegas especialistas em formação,
289 manejo e recuperação de pastagens. É mais difícil encontrar. Então, as
290 entidades, no caso da nossa, a Sociedade Mineira de Engenheiros
291 Agrônomos/Crea está iniciando cursos nesse sentido que levem desde a
292 formação, principalmente para recuperação, evitem erosão, evitem deflúvio. Nós
293 estamos solicitando que a equipe do IEF, no tempo necessário, mantenha
294 alguns especialistas nessa área, principalmente, de recuperação de pastagens
295 justamente para dar mais foco ao trabalho. Porque, pelo estudo do Inaes, é um

296 gravíssimo problema em Minas Gerais.” Conselheiro Fernando Antônio de
297 Souza Costa: “O Plano ABC incentiva a recuperação de pastagens degradadas,
298 inclusive com sistemas agroflorestais. No caso das plantas nativas, o que é
299 necessário para um banco fazer o financiamento dos plantios é se aquela planta
300 nativa, aquela espécie nativa tem viabilidade econômica. E o que nós vemos,
301 muitas vezes, o que o banco me relata, é o hiato do conhecimento. Às vezes,
302 você tem estudo sobre a raiz, as folhas, os frutos, mas algumas partes daquela
303 espécie não foram estudadas. Então, tem esses hiatos, e deveriam, então,
304 serem identificadas as espécies florestais mais prováveis de serem utilizadas
305 nessas áreas e ver o que está faltando para se estudar e ter um indicador
306 econômico, de viabilidade econômica para que o banco tenha segurança em
307 investir. Esse é um trabalho que até o IEF pode induzir, na identificação das
308 espécies, quanto a academia. Estudar essas espécies de forma que tenhamos
309 esses indicadores que possibilitam o banco fazer os financiamentos. O
310 Programa ABC já prevê isso. Existe esse gargalo, essa limitação.” Conselheiro
311 Guilherme da Silva Oliveira: “Eu sei disso, Fernando, e é por isso mesmo que
312 eu falei. Tem espécies nativas que já têm essa comprovação econômica,
313 inclusive madeireira. Nós temos que ver os processos de utilização dela,
314 econômica mesmo. Que tem o valor madeireiro, nós sabemos, mas tem que ver
315 a viabilidade, no tempo, dessa espécie. E outra coisa também, o próprio
316 consórcio de espécies já conhecidas, exóticas, de interesse econômico, com
317 espécie nativa. Por que não consorciar em uma linha do sistema
318 agrossilvipastoril? São várias possibilidades, infinitas possibilidades que devem
319 ser estudadas. Como eu falei, a Embrapa e a Epamig estão aí e têm que ser
320 acionadas. Muitas vezes, a própria academia faz muita pesquisa, sei lá, parece
321 que é de interesse do produtor, do pesquisador, do orientador, começou a
322 estudar um assunto, descobriu uma coisa e vai naquela linha. E nós estamos
323 cheios de coisa precisando ser estudada, e ninguém pega para estudar. Talvez
324 esse seja um ponto de estudo e pesquisa – aproveitar que o Lucas está aqui –
325 para colocar nas universidades.” Conselheiro Fernando Antônio de Souza
326 Costa: “Nós falamos muito de madeira, mas eu acho que nessas áreas
327 agroflorestais nós temos. Outro dia, eu comprei uma semente de baru, uma
328 castanha de baru, uma árvore do Cerrado. Tem a questão das palmeiras, que
329 vão dar os frutos de açaí e tal. Nós temos várias plantas e precisamos abrir um
330 pouco para diversificar e viabilizar que o pequeno produtor tenha um retorno
331 mais rápido também do que trabalhar só com a questão da madeira.”
332 Conselheiro José Hermano Oliveira Franco: “Eu acho que falta estudar. Nós
333 somos o país que tem a maior biodiversidade do mundo, e isso tem que servir
334 para alguma coisa. Nós não estudamos, não conhecemos exatamente isso.
335 Tem que ser direcionado. Isso me causa ânsia terrível. Como nós temos a
336 maior biodiversidade do mundo e até o que está na nossa mesa muitas vezes
337 não é daqui? Para que serve isso então? Esse hiato de estudo, essa história do
338 dinheiro de pesquisa muitas vezes pesquisar coisas que não têm o interesse

339 prático de que precisamos neste momento é terrível.” Conselheiro Enio
340 Resende de Souza: “Eu fico muito feliz aqui, eu acho que isso só grifa a
341 importância desta Câmara. Tem pessoas e instituições muito legítimas e
342 importantes com falas tão ricas aqui. Mais uma vez, Fernanda, Henri, IEF,
343 parabéns pelo excelente trabalho que vocês estão fazendo. Agora, me
344 chamaram atenção alguns pontos, que eu estou ousando aqui tentar ponderar
345 sobre eles. O título me lembrou do Bolsa Verde, do saudoso Bolsa Verde.
346 Porque chama ‘oportunidades’, que podemos também lembrar da palavra
347 ‘incentivo’. Vários aqui citaram essa palavra ‘incentivo’. Mas é ‘oportunidade’. Eu
348 sou muito convicto do bom programa Bolsa Verde de Minas Gerais, que tinha
349 essa modalidade de restauração. Para quem não tem tanta lembrança, tinha
350 modalidade de manutenção da vegetação nativa em pé, viva, mas também teria
351 esse segundo módulo, que seria de restauração. Nesse ponto, eu tenho uma
352 outra impressão da questão do problema das pastagens ou das florestas. Eu
353 acho que falta mesmo é incentivo ao produtor rural. O produtor, para mim, é o
354 guardião do espaço onde ele trabalha. Ele vive do solo, ele vive da
355 biodiversidade, da água, de todos os recursos naturais. Então, o produtor é o
356 maior interessado nisso. Mas lhe falta recursos. Às vezes, ele até conhece, mas
357 falta recurso. A pastagem degradada é por falta de manutenção mesmo, de
358 adubo, de fertilizante, de manejo, de uma série de questões, que muitas vezes
359 ele sabe, mas não tem dinheiro para isso. Então, eu acho que falta realmente
360 um incentivo, uma oportunidade. Aí eu sinto falta do nosso saudoso Bolsa
361 Verde para ser uma ação nesse aspecto. O produtor quer. Eu, na minha
362 vivência de Emater, sinto que o produtor quer recuperar, tem todo interesse em
363 recuperar, mas lhe falta dinheiro. Uma frase muito usada pelo pessoal do plantio
364 direto, eles falavam: ‘Quem está no vermelho não cuida do verde’. É uma frase
365 emblemática. Infelizmente, é pragmática, mas tem algum cunho de verdade,
366 sim. Mas eu queria também aproveitar aqui e dar os parabéns ao MAPA,
367 inclusive, que eu não sabia que o MAPA incentivou esse brilhante estudo que
368 foi feito pelo Inaes sobre as pastagens. Eu tenho utilizado muito desse estudo,
369 fiz até uma palestra no IGAM, recentemente, em um workshop que teve sobre
370 áreas de recarga e usei esse estudo exatamente para dizer que 50% do
371 território mineiro são pastagens e, em sua grande parte, áreas degradadas.
372 Então, a meu ver, se estamos focando recurso hídrico, que é uma das
373 propostas aqui, a recuperação de pastagem se faz necessária. Agora, o
374 parêntese que eu quero abrir aqui, Henri e Fernanda, eu acho que o objetivo
375 seus é outro, que é a restauração de um corredor ecológico, uma visão
376 diferente. Eu entendo que a pastagem está sendo vista como uma oportunidade
377 de aquilo virar de novo um ambiente florestal ou similar, alguma coisa no âmbito
378 da sugestão do Guilherme de sistema agroflorestal, uma coisa assim. Eu acho
379 que depende do objetivo, depende da oportunidade, depende do que se quer. E
380 quero aqui trazer um testemunho também, a Emater está muito envolvida com o
381 projeto do Ibama de conversão de multas ambientais. Nós somos estamos

382 praticamente com quase toda a Bacia do Rio São Francisco e junto com outras
383 entidades. E eu fiquei muito feliz. O Mover, por exemplo, está nesse projeto em
384 Paracatu e em Abaeté. Eu fico muito feliz. É claro que o objetivo é outro, e nós
385 temos que sempre lembrar o objetivo. O objetivo principal desse projeto de
386 conversão de multas é recarga hídrica e melhoria da oferta de água do rio São
387 Francisco, da Bacia do São Francisco. Então, eu fiquei muito feliz de ver que o
388 Ibama tem uma grande carga de preocupação e de objetivo na restauração,
389 mas eles reconheceram que existe o problema da recarga hídrica. E a recarga
390 hídrica não se faz apenas com restauração, ela se faz com recuperação de
391 áreas degradadas, tipo pastagem. E nós ousamos, eu fiz palestra em Brasília
392 também. Desculpa aqui estar falando de mim, mas o objetivo não é esse, mas
393 mostrar o fato. Eu fui convidado pelo Ibama e fiz uma palestra lá e falei que,
394 para mim, a pastagem é a principal questão da recarga hídrica no Brasil. São
395 50% do território que são pastagens, que se encontram compactadas. E por
396 isso, então, não existe recarga hídrica. Felizmente, o Ibama teve essa abertura.
397 E eu falei também no IGAM. Eu me considero ambientalista, mas no dia que os
398 ambientalistas virem que as pastagens são um problema não só agrônômico,
399 não só para dar renda para o produtor, para o boi comer, não é isso. Pastagem
400 é um problema ambiental. O dia que os ambientalistas perceberem isso com
401 maior clareza, eu acho que nós vamos estar mais tranquilos do ponto de vista
402 de melhoria ambiental.” Conselheiro Guilherme da Silva Oliveira: “Só para deixar
403 clara essa fala do Enio, para não deixar espaço para interpretação, o que o Enio
404 está dizendo é o seguinte. Manter a pastagem em boas condições, não é tirar a
405 pastagem para plantar árvore. É manter a pastagem em boa condição. É isso
406 que o Enio está querendo dizer.” Conselheiro Fernando Antônio de Souza
407 Costa: “Primeiro, eu agradeço e fico satisfeito em saber que esse estudo está
408 sendo bem utilizado e por várias instituições. Eu sempre escuto isso e fico muito
409 satisfeito, foi um dinheiro muito bem gasto pelo Ministério da Agricultura. Agora,
410 nós temos que lembrar da questão da recuperação de pastagens degradadas,
411 que dentro até do Plano ABC nós temos a integração lavoura, pecuária e
412 floresta. Quando estamos falando dos SAFs, estamos falando de recuperação
413 de áreas de APP, de reserva legal, tem coisas nativas. Quando estamos falando
414 das pastagens, estamos falando hoje de trabalhar essas pastagens dessa forma
415 de integração lavoura, pecuária, floresta, ou nas suas variações que se podem
416 fazer. E também, além da passagem, da questão de recuperação, você também
417 cria uma outra forma econômica quando pode colocar a área florestal. Você cria
418 um ambiente mais confortável para o animal que está ali, o que também vai
419 diminuir, lógico, a questão das erosões, trabalhando dentro de um outro
420 contexto, de outro paradigma. Então, nós temos que falar também da
421 recuperação de pastagem não simplesmente, mas usando também a
422 possibilidade da tecnologia na integração lavoura, pecuária e floresta.”
423 Conselheiro Lucas Amaral de Melo: “Só para contextualizar a questão de
424 pastagem, nós escutamos muito, e muita coisa é cultural, e temos que ir

425 quebrando questões. Tipo: 'braquiária degrada o solo, diminui quantidade de
426 água, eucalipto é o vilão de todos'. Nós temos que esquecer isso, não são
427 essas culturas que são os problemas, a forma como são manejadas que é o
428 problema, que é justamente o que o Enio falou. Nós temos que pensar muito
429 além da cultura e, sim, no manejo da propriedade rural. Com relação a
430 instituições, eu represento as instituições de ensino aqui, principalmente, então,
431 nós temos, basicamente, três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Infelizmente,
432 nós somos muito mais cobrados por pesquisa do que por extensão. Eu sou
433 contra, mas são posicionamentos. Nem por isso, por ser mais cobrado por
434 pesquisa, eu não posso deixar de desenvolver pesquisa, até porque o
435 financiamento entra via pesquisa. Infelizmente, por isso também, muitos dos
436 recursos que nós utilizamos são via fomento e que são fomentos de dois anos,
437 três anos. Não dá para fazer nada do ponto de vista sistêmico. São muito
438 pontuais. Eu não estou justificando, estou só ampliando a discussão, porque eu
439 concordo com a visão. Eu, particularmente, sou da área de silvicultura, e tem
440 hora que alguns me criticam que eu não foco um ponto só. Eu não foco um
441 ponto só justamente porque acho que um ponto só fica muito específico e não
442 traz muita coisa para a sociedade. Eu sou mais geral. Com relação à visita a
443 Teixeira de Freitas, foi à sede do Programa Arboretum. É um programa muito
444 legal. O Programa Arboretum está elencando uma série de espécies nativas
445 florestais com interesses econômicos. Para quê? O foco é conservação, mas
446 eles já viram que conservação sem retorno econômico para quem conserva não
447 traz. Então, tem desde espécies de cunho madeireiro, medicinal, oleaginosas,
448 alimentícias. É justamente isso. É muito legal o programa, eu estou
449 participando, nós estamos juntos com o Serviço Florestal Brasileiro, para dar um
450 suporte, principalmente na questão de coleta de sementes e produção de
451 mudas. Talvez eu consiga ir também no início do novembro, ainda não é
452 certeza. Mas é um exemplo muito legal. Uma outra coisa, hoje e amanhã, está
453 acontecendo um simpósio, 'Nativas', basicamente falando sobre potencialidade
454 de espécies nativas, seja na recomposição, seja no uso. Está acontecendo no
455 auditório da Faemg. É um exemplo de tentar divulgar e trazer tecnologia
456 referente a isso. E nós temos uma infinidade mesmo. É bom e ruim, o Brasil é
457 gigantesco, Minas Gerais é gigantesca. Temos uma infinidade de coisas que
458 acabamos não conseguindo fazer. Eu vou dar um exemplo próximo nosso, que
459 surgiu de um questionamento ambiental, que é o manejo da candeia, a
460 *eremanthus erythropappus*, uma espécie de ocorrência regional. Em Minas
461 Gerais ocorre bastante. E o foco do projeto foi com relação à ocorrência da
462 espécie, que é em áreas de recarga de lençol freático, principalmente na
463 Mantiqueira. Mas com a justificativa de que é uma espécie amplamente
464 explorada por causa do Alfa bisabolol, o óleo que é retirado dela. E essa
465 extração é danosa, tem que cortar árvore, então, é exploratória. E é uma
466 espécie que hoje já temos um conhecimento muito legal da sua silvicultura, todo
467 o conhecimento. Estamos trabalhando com melhoramento florestal. Mas é uma

468 coisa que aconteceu há 20 anos e que agora que estamos com os primeiros
469 resultados. São pequenos exemplos, que tentamos, tentamos, mas diversidade
470 é gigantesca, o Estado é muito grande, o dinheiro é muito pouco, as atribuições
471 acabam sendo muitas. Então, só para exemplificar, e exemplificar também o
472 Programa Arboretum, que é extraordinário. Surgiu de uma autuação ambiental,
473 das papeleiras, só surgiu porque as papeleiras têm dinheiro. Se fizesse com
474 outro tipo de empresa agrícola, não daria certo. Mas surgiu, e tem uma força de
475 vontade muito grande. A menina que trabalha lá é extraordinária, ela peita Deus
476 e o mundo em favor do meio ambiente. E está desenvolvendo silvicultura de
477 algumas espécies bem interessantes da região. Um exemplo: pau-brasil. Um
478 dos locais em que eles trabalham é uma área desapropriada da reforma agrária,
479 tem cerca de 30 famílias, 1.100 hectares, e 800 hectares são de mata nativa e
480 que tem o maior remanescente de pau-brasil catalogado do Brasil, cerca de 900
481 árvores adultas de pau-brasil. Até hoje eles não conseguiram coletar semente,
482 porque as árvores são gigantescas. Então, só para exemplificar algumas
483 coisas.” Fernanda Teixeira Silva/IEF: “Com relação ao Programa ABC, eu sei
484 que a Janaína, que é a nossa supervisora regional de Teófilo Otoni, é uma
485 grande incentivadora do programa e tem participado ativamente das reuniões
486 que já tiveram do programa. Então, possivelmente, ela deve ter passado esse
487 estudo para a consultoria, mas eu vou verificar isso com ela e, caso não tenha,
488 eu vou encaminhar o estudo. O Guilherme falou que está no site da Faemg. Eu
489 vou pegar o estudo lá e repassar para a consultoria. Com relação à questão da
490 recuperação de pastagens, nós estamos tendo uma experiência muito
491 interessante com o Projeto Conexão Mata Atlântica, que é financiado com
492 recursos do GEF, o fundo global de meio ambiente por meio do BID, o Banco
493 Interamericano de Desenvolvimento. Está sendo desenvolvido na Região Mata,
494 na Bacia do Rio Paraíba do Sul, e envolve três Estados: Minas Gerais, São
495 Paulo e Rio, Estados que contemplam essa Bacia do Rio Paraíba do Sul. E
496 nessa região nós temos desenvolvido vários dias de campo em alguns
497 municípios. Nós temos um engenheiro agrônomo no nosso Regional Mata, que
498 trabalha, com os produtores que participam desses dias de campo, a questão
499 da recuperação de pastagens, trabalha a questão dos ILPFs, a questão de
500 SAFs, a questão da produção em curva de nível. Então, está sendo feita uma
501 parceria com as prefeituras locais. Em cada município onde estão sendo
502 realizados esses dias de campo, a prefeitura cede o maquinário necessário –
503 trator e tudo – para fazer esse trabalho. O projeto financia a parte dos insumos
504 que são necessários para fazer os ILPFs ou para recuperação de pastagem. E
505 os nossos técnicos, junto com a Emater nos municípios e junto com a prefeitura,
506 têm prestado assistência técnica. E nós temos visto que tem dado muito certo,
507 tem vários municípios que estão solicitando que seja feito esse trabalho em
508 outros municípios. Até municípios que estão fora da área de abrangência do
509 projeto já tiveram um conhecimento desses dias de campo que têm sido
510 realizados e estão também solicitando que sejam feitos nesses outros

511 municípios. Para além da recuperação e da restauração da vegetação mesmo,
512 nós enxergamos também como importante a recuperação da passagem, a
513 implantação de ILPFs, que são sistemas de produção mais sustentáveis, para
514 acessar e paralisar mesmo os processos erosivos para que tenha uma maior
515 infiltração de água. Até por isso que começamos a fazer esses trabalhos, esses
516 dias de campo, focando também essas atividades produtivas, em parceria com
517 a Emater e as prefeituras.” Conselheiro Guilherme da Silva Oliveira: “Eu não sei
518 se é o momento, mas vou fazer uma solicitação a vocês de uma reunião, e para
519 frente nós podemos combinar. Eu gostaria que se abrisse um espaço para a
520 Faemg apresentar dois projetos que ela tem, a princípio. Um chama ‘Balde
521 Cheio’ e um chama ‘Café Mais Forte’. Eu acho que vai encaixar nessas áreas,
522 mostrando a importância de uma assistência técnica continuada. Porque nós
523 mexemos com a parte social e estamos dentro da SEMAD, que é a Secretaria
524 de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Então, nós pensamos muito
525 bem o meio ambiente e esquecemos o desenvolvimento sustentável. Eu
526 gostaria que se abrisse o espaço para que nós apresentássemos. No caso, teria
527 que ver a agenda dos coordenadores dos cursos para fazer apresentação. Se
528 eu não me engano, o ‘Balde Cheio’ já tem até uma aplicação da nossa
529 plataforma de sustentabilidade, avaliação. Então, só para apresentar alguns
530 resultados desses programas e a importância desse lado social, que
531 complementa o pilar da sustentabilidade, o que eu acho que é fundamental para
532 fazer qualquer programa dar certo. E mostrar que pode ser uma ponte de
533 parceria entre a Secretaria e o Sistema Faemg nesse projeto. No Sistema
534 Faemg, o interesse é o produtor rural, e essas áreas estão na área rural. Eu
535 acho que encaixa. Às vezes, ficamos muito reativos, então, eu estou querendo
536 ser mais propositivo nessa questão. Por exemplo, uma região que é de leite,
537 que tem gado de leite, propor aos agricultores que vão ser diretamente afetados
538 participarem desses programas. E aí trazer aqui e mostrar os resultados de
539 algumas propriedades que estão há mais tempo no programa, que têm uma
540 evolução. E vocês vão ver. Eu, como engenheiro agrônomo, filho de produtor
541 rural, fico muito impressionado e falo assim: ‘Esse é o caminho, não tem outro
542 caminho’. Então, vocês vão ver a importância que a assistência técnica faz no
543 programa. E aí talvez até o IEF trabalhar mais com a Emater também, juntar a
544 Secretaria de Meio Ambiente e trabalhar mais com a Emater. A proposta para o
545 licenciamento ambiental é diferente do que está aí, é uma proposta de
546 acompanhamento, de manejo. Não é uma proposta como é na indústria, como é
547 na mineração. Só fazer essa proposição de uma apresentação futura.”
548 Presidente Henri Dubois Collet: “Ok, Guilherme, está registrado o seu pedido, e
549 eu não vejo problema. Eu pedi à assessoria para registrar as duas
550 apresentações e estava querendo propor para a Fernanda também que
551 trouxesse essa apresentação, mesmo que seja rápida, com fotos. Porque eu
552 estive lá também na região, estive visitando e vendo o que está acontecendo lá.
553 Eu acho que é importante trazer porque a ideia é que a Câmara não seja só de

554 aprovar processo, um projeto e pronto. Eu acho que temos que trocar essa ideia
555 porque é isso que nos fortalece para buscar essas parcerias, que são
556 importantíssimas. Está registrado, e eu vou pedir que você veja lá,
557 internamente, o tempo que você precisar e já trazer para a próxima reunião.
558 Pode ficar tranquilo que vai ser ótima a apresentação. Pode ser também na
559 extraordinária, do PRA. Mas é importante estar discutindo porque, na realidade,
560 o nosso tempo é a manhã inteira, que está previsto, e não tem sentido chegar
561 aqui, aprovar um simples projeto e pronto. E aí se perde a oportunidade com as
562 pessoas que estão vindo do interior e tudo mais para que possamos discutir e
563 debater esses assuntos.” **7) PROCESSO ADMINISTRATIVO PARA EXAME DE**
564 **LICENÇA DE OPERAÇÃO CORRETIVA. 7.1) ABC Agricultura e Pecuária**
565 **S/A. ABC A&P. Fazenda Cachoeira, Matrícula 14431. Horticultura. Monte**
566 **Alegre de Minas/MG. PA 16518/2009/001/2010. Classe 5. Apresentação:**
567 **Supram Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Licença concedida por
568 unanimidade nos termos do Parecer Único. Votos favoráveis: Emater, Segov,
569 Ufla, MAPA, Crea, Fetaemg, Faemg, AMS, Seapa. Ausências: Ibama, Seda e
570 Mover. **8) ENCERRAMENTO.** Não havendo outros assuntos a serem tratados, o
571 presidente Henri Dubois Collet agradeceu a presença de todos e declarou
572 encerrada a sessão, da qual foi lavrada esta ata.

574 **APROVAÇÃO DA ATA**

577 **Henri Dubois Collet**
578 **Presidente da Câmara de Atividades Agrossilvipastoris**